ILLVSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Nº 20

DIRECTOR
C. MALHEIRO DIAS
RUA FORMOSA 43 · LISBOA

2ª SERIE

Illustração Portugueza

Director — Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR — JOSÉ JOUBERT CHAVES

O QUE ERAM AS EMBAIXADAS PORTUGUEZAS ◎ DOS ELEPHANTES DE D. MANUEL AOS COCHES DO CONDE DE VILLAR MAYOR ◎ OS DIPLOMATAS E A DIPLOMACIA PORTUGUEZA NO TEMPO DE D. JOÃO V ◎ D. LUIZ DA CUNHA EMBAIXADOR EM LONDRES ◎ A COCOTTE MADAME SALVADOR E O DEÃO DOS EMBAIXADORES ◎ O FUTURO MARQUEZ DE POMBAL MINISTRO EM VIENNA DE AUSTRIA ◎ ANDRÉ DE MELLO E CASTRO ENVIADO EXTRAORDINARIO A ROMA ◎ O CONDE DE TAROUCA EMBAIXADOR NA HAYA ◎ A LENDA DA RIQUEZA E DA GALANTERIA ◎ DOS EMBAIXADORES DO SECULO XVIII AOS DIPLOMATAS DO SECULO XX

O reinado de D. João V foi, decerto, um dos mais brilhantes para a diplomacia portugueza.

Basta lembrar os nomes de D. Luiz da Cunha, o nosso habilissimo embaixador em Londres; do conde de Villar Mayor, enviado extraordinario á côrte de Vienna d'Austria; de André de Mello e Castro, depois conde das Galvêas, enviado extraordinario a Roma; de Sebastião José de Carvalho, futuro marquez de Pombal, ministro acreditado junto de varias côrtes da Europa; do arguto e finissimo Diogo de Mendonça Côrte Real, do proprio Alexandre de Gusmão, — para comprehender como o redingote de seda, a cabelleira empoada e a luneta de punho d'ouro desenvolveram entre nós as subtilezas da diplomacia e as argucias complicadissimas das relações internacionaes.

A partir do reinado de D. Manuel, as embaixadas portuguezas começaram a celebrisar-se. Desde a feérica embaixada manuelina ao Papa, em que pela primeira vez as patas colossaes, cinzentas e poderosas de seis elephantes pizaram as fidalgas ruas da Roma pontificia, até á sumptuosa entrada em Vienna d'Austria do embaixador conde de Villar Mayor, em 1706, — o collegio vermelho dos cardeaes palatinos e os grandes dignitarios de todas as côrtes da Europa viram, durante dois longos seculos, desfilar o que de mais rico, de mais pesado d'ouro e de pedrarias, de mais nobre de telizes e de colgaduras poude inventar o delirio de grandezas d'uma côrte de brazileiros ricos, *pour épater le bourgeois* das grandes chancellarias européas.

O seculo XVIII foi especialmente para nós o seculo das sumptuosidades diplomaticas. Mais do que isso: foi o seculo dos embaixadores célebres. Era raro que a ostentação de que á sua custa se faziam revestir os Embaixadores e os Residentes, além das brilhantes qualidades de *charme* e de brilho pessoal que sempre caracterisaram o portuguez fóra do seu paiz, lhes não creassem em todas as côrtes estrangeiras uma situação privilegiada e preponderante. É sabido, de tradição, o prestigio que alcançou em Londres o velho e galante D. Luiz da Cunha, o *Deão dos Embaixadores*, como lhe chamava D. João V, até ao momento infeliz em que a celebre M.me Salvador, envolvendo-o n'uma aventura amorosa que não era nem para a sua edade nem para a sua cathegoria, o fez decahir da confiança da côrte ingleza tornando-o suspeito de defensor da politica de França. É conhecido egualmente o respeito que cercou sempre em Madrid o nosso Embaixador visconde de Ponte de Lima, e na Haya o nosso residente conde de Tarouca, — um poeta e um dandy, um espirituoso e um *grand-seigneur*, que, vendo o seu palacio em chammas, escrevia tranquilla e placidamente um soneto. Sabe-se tambem que impressão de nobreza e de sumptuosidade produziu na Austria a Embaixada do conde de Villar Mayor, e em que termos a *Gazeta de Vienna* se referiu ao illustre diplomata setecentista, aos seus côches, aos seus trajos, á sua elegancia, á sua distincção suprema, ao seu espirito inimitavel, ao seu galante e fidalgo feitio hespanhol. Todos os nossos Embaixadores de 1720, ou quasi todos, deixaram uma lenda de magnificencia e de galanteria, de espirito e de aventuras, pelos paizes onde passavam. «*Liberal como un portuguès*», — diziam em Madrid, exaltando a nossa nobreza perdularia de fanfarrões. «*Riche comme un gentilhomme portugais*», — commentava ao tempo uma das mais lindas mulheres de França, em cujos dedos brancos e fidalgos scintillavam talvez joias offerecidas pelo Embaixador de Portugal...

Hoje, se é certo que a lenda da riqueza se desvaneceu como fumo, — não succedeu o mesmo á tradição da galanteria. Ao *cadoggam* empoado e á luneta de punho d'ouro, seguiu-se a sobrecasaca preta irreprehensivel e a irreprehensivel luva cinzenta d'Inglaterra. Ao tricorne succedeu o chapeu alto. O sr. conde de Tovar e o sr. visconde de Pindella, o sr. conde de Sousa Rosa e o sr. marquez de Soveral continuam imperturbavelmente, em pleno seculo XX, a escola e a tradição galante dos diplomatas portuguezes do seculo XVIII.

A EMBAIXADA DE ANDRÉ DE MELLO E CASTRO A ROMA ◎ A COMITIVA D'UM ENVIADO EXTRAORDINARIO ◎ A VIAGEM ◎ GENNOVA E A COROAÇÃO DO DOGE ◎ O QUE UM ESTRIBEIRO DA EMBAIXADA DIZ DAS ITALIANAS DO SECULO XVIII ◎ FLORENÇA E O GRÃO DUQUE ◎ UM PRESENTE DE ARARAS, PAPAGAIOS E LOIÇA DA INDIA ◎ UM REBOLIÇO NO SACRO COLLEGIO ◎ «ILLUSTRISSIMA» OU «EXCELLENCIA?» ◎ AS PRERROGATIVAS E O TRATAMENTO D'UM ENVIADO EXTRAORDINARIO DE D. JOÃO V EM ROMA ◎ CEREMONIAL RIDICULO ◎ UMA PHRASE DO CARDEAL CAVALARINI

Durante o seculo de D. João V, muitas embaixadas portuguezas marcaram pelo esplendor e pela magnificencia. Nenhuma, entretanto, excedeu em sumptuosidade e em importancia politi-

ca a de André de Mello e Castro a Roma em outubro de 1707.

André de Mello, depois conde das Galvêas, recebera instrucções para tratar, junto do Sacro Collegio, na qualidade de enviado extraordinario do rei de Portugal, algumas questões relativas ás nossas relações com a Egreja romana. Entre essas questões, todas mais ou menos importantes, avolumavam a do *Padroado do Oriente* e a das *Nomeações dos Nuncios*, a do *Breve dos beneficios* e a da *Decima dos ecclesiasticos*. Era o primeiro enviado extraordinario que D. João V mandava a Roma. Partiu de Lisboa a bordo da nau genoveza «*Princeza do Ceu*», acompanhado d'uma verdadeira côrte,—gentis homens da camara e da Embaixada, mordomos, abbades, estribeiros, mestre-salas, musicos, confessores, secretarios. Durante a viagem não houve nada que lhes não succedesse, —inclusivamente um encontro com piratas argelinos pelas alturas de Malaga. Desembarcaram em Mayorca e viram o tumulo de Raymond Lullo; entraram solemnemente em Genova e assistiram á coroação do Doge. E curioso o que De Bellebat, estribeiro francez da comitiva, diz das italianas do principio do seculo XVIII, n'um curioso livro que nos deixou sobre a Embaixada de André de Mello e Castro: « — *Não são totalmente destituidas de modestia, são bem feitas e vestem todas á franceza, comtudo que lhe sejam prohibidos os brocados e joias, concedendo só a pragmatica ás noivas o poder-as usar pelo tempo de um anno... As genovezas logram uma prerogativa tão grande como rara a praticar-se em Portugal. O caso é que estas fidalgas usurparam o privilegio de terem sempre comsigo hum cavalleiro galante e luzido que lhes serve de divertimento, e não se contentando d'elle assistir em casa nos estrados, ainda se estende a sua fineza á rua, acompanhando-as a pé á portinhola da carroça ou liteira sem que o sol ou a chuva sejam bastantes para divertir seu amoroso capricho. Minha simplicidade me fez crêr que os maridos o consentem, certos que os filhos lhe saem mais baratos de fazer*». Passaram em seguida a Florença, onde André de Mello e Castro visitou o Grão-Duque. D'ahi, mandou De Bellebat a Roma arranjar-lhe aposentos onde se installar com a comitiva. Pouco depois partiam todos para a cidade de S. Pedro, ficando apenas em Florença o padre João da Costa, de posse de uma immensidade de araras, papagaios e loiça da India, para presentear o Grão-Duque em nome de D. João V.

A chegada do Enviado portuguez a Roma foi um acontecimento. Como não houvesse melhores aposentos, hospedaram-no os frades de S. Bernardo no seu mosteiro, dando-lhe banquetes sobre banquetes, festas sobre festas. Nada mais singularmente profano do que a vida que os virtuosos monges proporcionaram ao futuro conde das Galvêas. Logo nos primeiros dias, muitos cardeaes, de côche, precedidos da umbella vermelha, vieram fazer-lhe a sua visita, sondal-o, inquirir, avaliar da illustração e da argucia do Enviado. Foi uma romaria. Entretanto, as mais singulares coisas se passavam no Sacro Collegio. No seio d'aquelle capitulo vermelho de Principes fizera-se um rebolico incomprehensivel. As conferencias repetiam-se, Sua Santidade irritava-se, bispos e arcebispos andavam n'uma azafama, o cardeal Paulucci, secretario de Estado do Vaticano, revolvia papeis e protocollos, ninguem se entendia, ninguem comprehendia o que se passava, todos se interrogavam. Que demonio daria logar a semelhante con-

Nasceu em Lisboa a 13 de Maio de 1699, seguio na Universidade de Coimbra o Curso de Jurysprudencia. Em Outubro de 1738 Enviado Extraordinario na Corte de Londres. Em 1745 passou a Alemanha, onde compôz as graves dissensoẽs que se agitavão entre a Corte de Roma, e a de Viana. Em 3 de Agosto de 1750 foi nomeado por um Avizo Secretario dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, e por occazião do Terramoto de 1755, proveu os seus raros talentos administrativos. Em 6 de Julho de 1759 foi elevado á grandeza com o titulo de Conde de Oeiras. Lugar Tenente de S. Magestade na reforma da Universidade de Coimbra. Em Setembro de 1770 foi feito Marquez de Pombal. Em 4 de Maio sahio do Ministerio dias depois da morte de D. José Iº aggraciado com a Commenda da Ordem de Christo de S. Thiago de Lanhôzo e se retirou para o Pombal. Do seu desterro confundio a calumnia e depois de covardes perseguiçoẽs expirou no dia 8 de Maio de 1782.

fusão dos purpurados, e lhes perturbaria d'aquelle modo o espirito e os estomagos? Uma simples coisa: não sabiam como receber o Enviado Extraordinario do rei de Portugal, que tratamento dar-lhe, que prerogativas reconhecer-lhe. O problema revestia uma gravidade singular. Até ali só houvera Embaixadores e Residentes. Aos Embaixadores, mais do que Enviados, dava-se *Excellencia;* aos Residentes, menos de que Enviados, *Illustrissima*: que tratamento se daria, por conseguinte, a *Monsignore* André de Mello e Castro,— que era menos do que Embaixador e mais do que Residente? Reuniram-se congregações sobre congregações, consultaram-se ceremoniaes sobre ceremoniaes, os partidos dividiram-se, as opiniões extremaram-se, o cardeal Barberini dizia que sim, o cardeal Ottoboni dizia que não,—e só ao fim de nove ou dez mezes, depois de discussões interminaveis e de consistorios enfadonhos, de se terem desdobrado códices e folheado Breves, é que aquella onda de rabulas de murça e batina vermelha conseguiu accordar no tratamento e prerogativas a conceder ao Enviado de D. João V.

Essas ridiculissimas prerogativas eram as seguintes: 1.ª, o Enviado teria direito a mandar levantar um docel na sala dos Lacaios, outro na sala das Audiencias; 2.ª, poderia usar pennachos de sêda negra nas cabeças dos cavallos; 3.ª, far-se-hia preceder, quando passeiasse no seu coche, de um lacaio com umbella vermelha, como os Cardeaes e os Principes; 4.ª, ser-lhe-hia concedido um coxim de velludo, para ajoelhar na Egreja ou na rua ao passar o Santissimo Sacramento; 5.ª, o decano dos seus lacaios poderia vestir de velludo preto á moda hespanhola; 6.ª, dar-se-hia ao Enviado o tratamento da terceira pessoa, no italiano *Lei*,—mais que a *Illustrissima* dos Residentes, e menos que a *Excellencia* dos Embaixadores; 7.ª, poderia pedir audiencia a Sua Santidade de um dia para o outro e de manhã para a tarde; 8.ª e ultima,—os cardeaes recebel-o-hiam sempre—«*en habit decent, et non en habit court ou en deshabillé.*»

André de Mello e Castro, estabelecido o ceremonial a seguir, com esta minucia bysantina, poude então fazer a sua entrada solemne no Vaticano, n'uma verdadeira procissão de coches sumptuosos, armados em talha doirada com pinturas, puxados a urcos hollandezes, bamboleando as suas camaras forradas de damasco vermelho pelas ruas cheias de sol da Roma pontificia. Foi um deslumbramento. A verdadeira credencial do Enviado consistiu na sumptuosidade com que se apresentou. Ao vêr desfilar o cortejo, já na retirada, a caminho do mosteiro de S. Bernardo, o cardeal Cavalarini, purpurado e pallido, commentava sorrindo n'um grupo de bispos e de arcebispos:

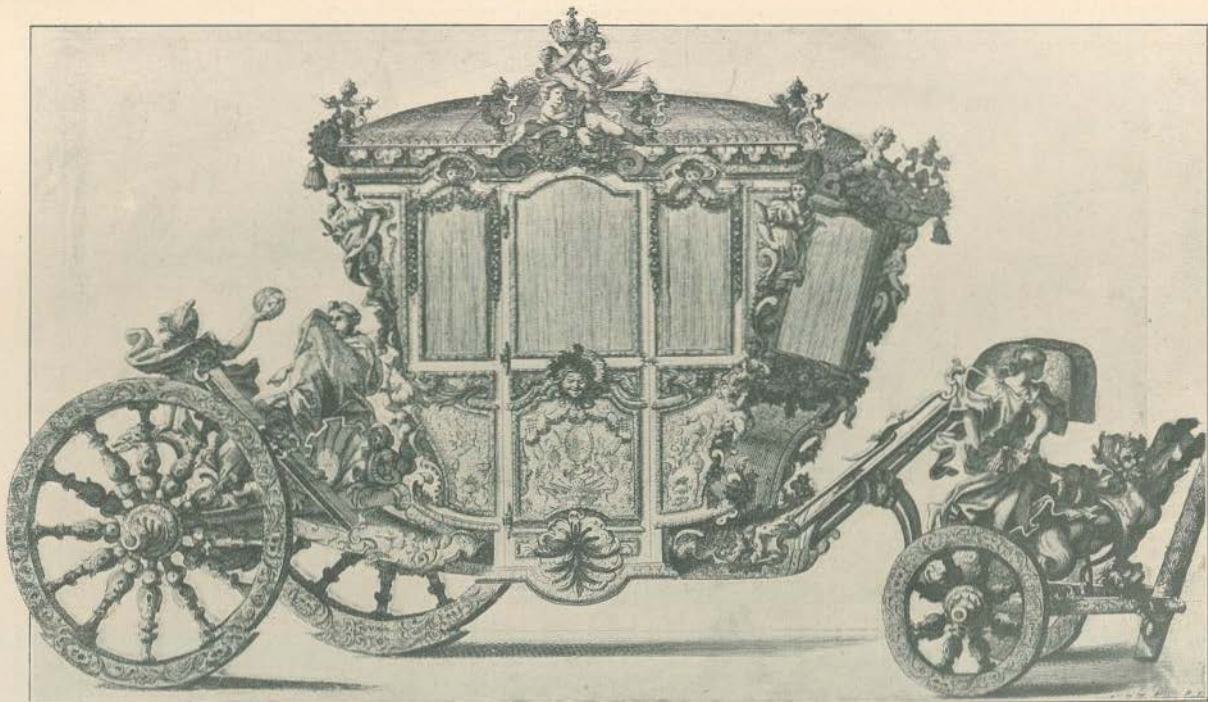
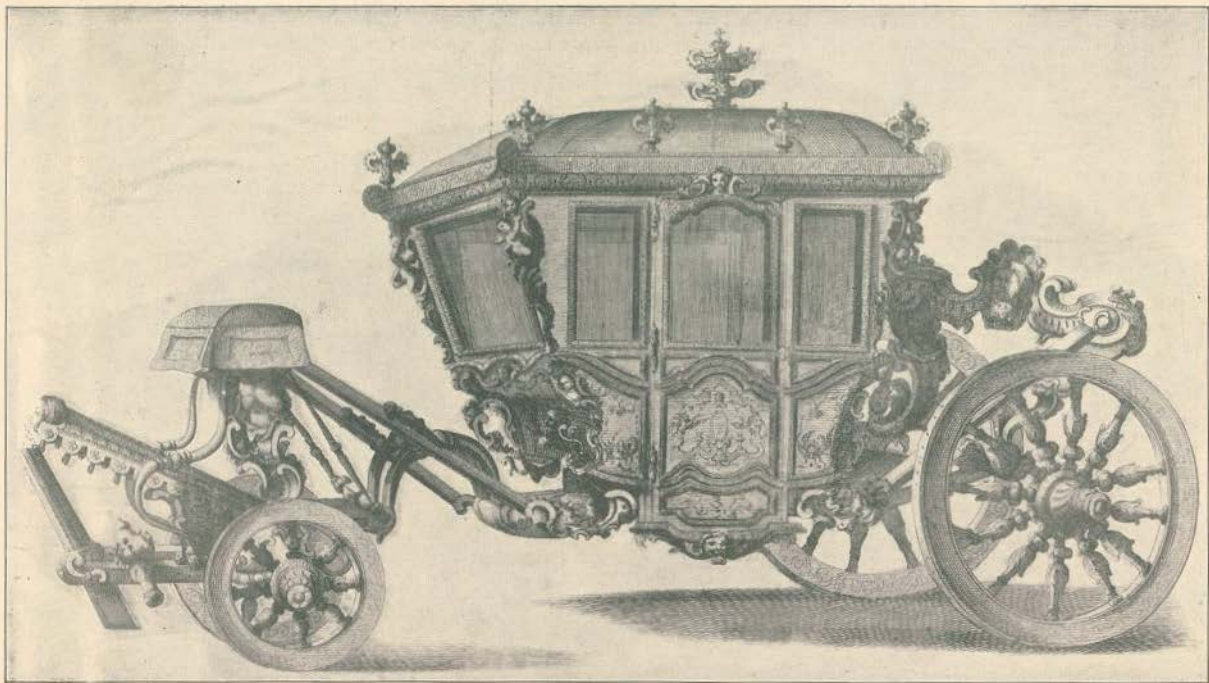
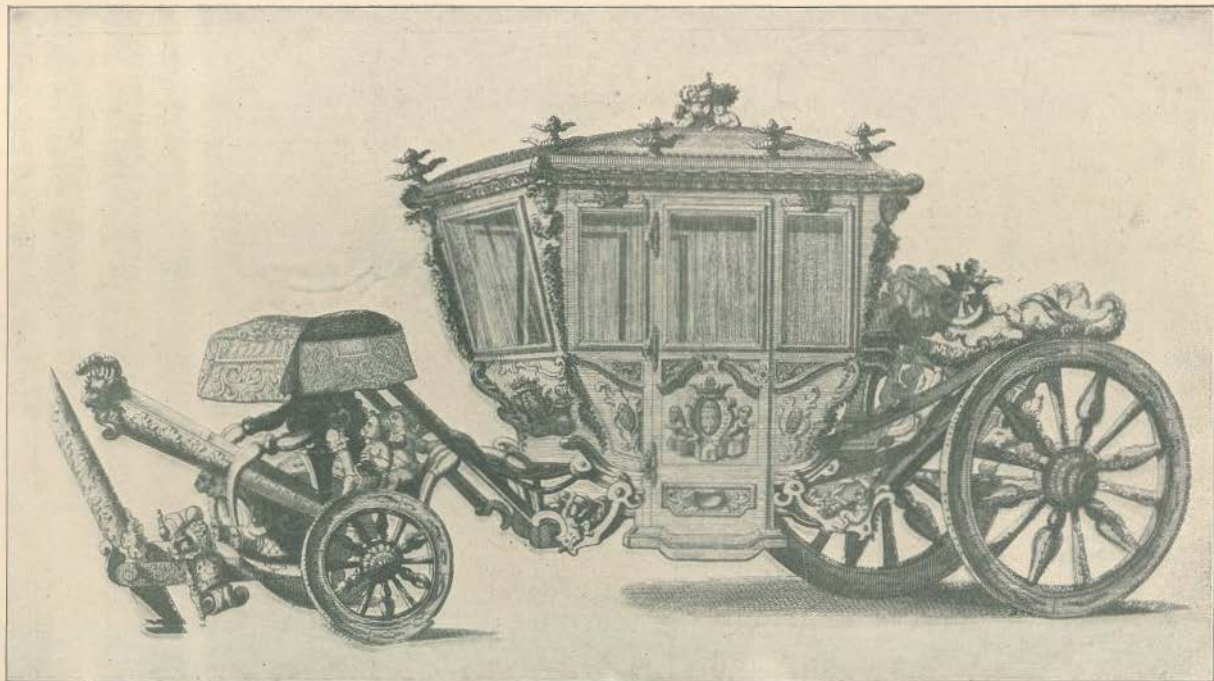
—«O rei de Portugal terá maus Embaixadores, —mas, com a fortuna! tem excellentes côches!»

OS COCHES EM QUE O ENVIADO EXTRAORDINARIO SE POZ A CAMINHO DO VATICANO ◎ UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA SUMPTUARIA POTUGUEZA ◎ TRES COCHES MARAVILHOSOS ◎ O COCHE COMO ARMA DIPLOMATICA NO SECULO XVIII ◎ DOIS ARTISTAS PORTUGUEZES ADMIRAVEIS, NÃO CITADOS EM RACZYNSKI ◎ ONDE ESTÃO ACTUALMENTE OS COCHES DE ANDRÉ DE MELLO E CASTRO? ◎ NO PALACIO GALVEIAS OU NO BRAZIL?

As nossas grandes Embaixadas, a de D. Manuel ou a de D. Rodrigo de Menezes, a do conde de Villar Mayor ou a de André de Mello e Castro, constituem interessantissimos documentos para o estudo da sumptuaria portugueza.

São conhecidos os carros nobres da embaixada de D. Rodrigo de Menezes ao Papa Clemente IX, —carros que fazem parte do actual museu dos côches de Belem. E egualmente conhecida a descripção que o padre Francisco da Fonseca, capellão do conde de Villar Mayor, faz dos côches por este encommendados na Hollanda para a sua embaixada a Vienna d'Austria. Mas nada tão interessante e tão completo, como as magnificas gravuras em cobre que illustram o livro do estribeiro De Bellebat, um francez artista e insinuante que acompanhou a Roma a embaixada de André de Mello e Castro e foi depois o seu minucioso e precioso chronista. Essas gravuras em cobre representam varios aspectos dos tres mais sumptuosos côches da Embaixada, e a reproducção das armas de Portugal e da Santa Sé, que De Bellebat mandou fazer em Italia a um pintor de nome Miguel Angelo, destinadas a encimar a porta do palacio de André de Mello e Castro em Roma.

Quanto aos côches, eram tres obras primas de talha dourada que honram os artistas portuguezes que os entalharam: Antonio Salci Selleiro e José Machado. De nenhum d'estes artistas se encontra menção em Raczynski. Parece que ambos foram expressamente a Roma, para lá mesmo entalharem as figuras admiraveis das tres «estufas». O primeiro côche, o mais rico e o mais nobre, aquelle em que no sahimento quasi procissional da Embaixada ia o Enviado Extraordinario, era, no dizer de De Bellebat, uma verdadeira «montanha d'ouro» malitado e pintado nos paineis pelos melhores artistas italianos. Os braços representavam, em figuras admiravelmente entalhadas e douradas, as quatro partes do Mundo; o cocheiro estribava os pés sobre uma concha d'ouro que o Tejo e o Tibre sustentavam sobre o dorso; nos quatro angulos da caixa, quatro figuras de *mezo-corpo*,—a Justiça, a Moderação, a Liberalidade e a Prudencia, aguentavam a cimalha dourada onde se erguiam oito pomos de metal. O painel dianteiro do côche representava a descoberta da India. Toda a «estufa», interiormente forrada de velludo carmezim bordado a fio d'ouro, com riquissimas cortinas de brocado chammejante, carregada de figuras, monstruosa no tejadilho, parecia d'um pezo formidavel, insusceptivel de ser arrastada senão por muitas juntas de bois,—e entretanto dois simples frisões hollandezes tiravam-na com a maior facilidade.

O segundo côche era tambem uma estufa para 6 pessoas, revestida por fóra de velludo carmezim, ricamente apainelada a ouro, e «*com pinturas em ornamentos mosaicos*,—diz De Bellebat,—*feitos por eleição de Manuel Gonçalves Ribeiro, gentilhomem da Embaixada*». Os corriões de marroquim do Levante retesavam-se, abrochados por fivelões enormes de bronze, sustentando a caixa d'uma rara elegancia. As rodas eram admiravelmente entalhadas, desde os raios aos tapadouros, e no tejadilho, esbelto e nobre, erguiam-se oito pomos de bronze dourado. Já o terceiro côche não tinha a sobriedade fidalga do segundo, nem a sumptuosidade excepcional do primeiro: era todo d'ouro, com figuras aladas de Zéphiros sobre os braços, e esphynges no jogo trazeiro,—o symbolo do Silencio —junto ás rodas entalhadas e douradas. Era

O primeiro côche da Embaixada, onde ia o enviado extraordinario André de Mello e Castro.—Gravura em cobre, do tempo

O segundo côche da Embaixada, onde iam os gentis-homens e os secretarios — Gravura em cobre, do tempo

O terceiro côche, onde iam os Abbades da Embaixada. — Gravura em cobre, do tempo

n'este terceiro carro nobre que iam os Abbades da Embaixada.

Mas não ficava ainda por aqui a riqueza do cortejo. Seguiam-se mais tres côches, feitos tambem em Roma por ordem de *Monsignore*, cheios de figuras nos braços e nos jogos, onde bamboleavam os gentis-homens da Embaixada, vestidos de velludo preto á maneira de Velasquez, commodamente recostados em coxins de velludo, e acompanhados ás portinholas por lacaios de libré verde e prata. E os seis côches arrastavam-se solemnemente pelas ruas de Roma, faiscando ao sol a sua talha dourada, produzindo á passagem um murmurio confuso de admiração, e fazendo pronunciar com respeito, na grande cidade pontificia, o nome d'esse incorrigivel brazileiro rico que foi o Rei de Odivellas.

Onde estão hoje todos estes côches? Sabemos apenas que ainda serviram nas cavalhadas ou torneio real feito em Lisboa, no Terreiro do Paço, em 1795. E depois? Conservar-se-hão nas cocheiras da Casa Real, entre as estufas e berlindas arruinadas que não vieram para o museu de Belem, ou dormirão a estas horas na ruina escura do palacio dos Galvêas, ao Campo Pequeno, onde nos consta existirem ainda varios côches do seculo XVIII? Ahi fica a pergunta aos eruditos,—feita em face das magnificas gravuras que a *Illustração Portugueza* reproduz do livro de De Bellebat.

Entretanto, pela nossa parte, inclinamo-nos a suppôr que os côches mandados executar em Roma por André de Mello e Castro faziam parte dos muitos que D. João VI levou para o Brazil,—e que não voltaram mais.

J. D.

O jogo traseiro do primeiro côche da Embaixada — Gravura em cobre, do tempo

AS MODAS D'ESTE VERÃO

…pa de panno *vieux rose* guarnecido com bordados japonezes. (Figurino da casa Drécoll,) destinado es ecia mente á «Illustração Por.ugueza»
[CLICHÉ FÉLIX]

Vestido de tulle bordado guarnecido a grinaldas de rosas e pompons; cinto de setim côr de rosa com applicações de rendas Valenciennes e tulle preto sobre musselina de seda com rosas pintadas.
(Modelo da casa Béchoff-David, especialmente destinado á «Illustração Portugueza»)
[CLICHÉ FELIX]

«*Gazella*». Vestido de voile *habillé* em musselina de seda pintada. Corpo bolero com guarnição de rendas e fitas Pompadour.
(Figurino da casa Ney, especialmente destinado á «Illustração Portugueza»)
[CLICHÉ FÉLIX

«*Diablotin*». (Vestido de voile de seda azul-marinho e branco, guarnições de Cluny, bolero em taffetá. Figurino da casa Ney, especialmente destinado á «Illustração Portugueza»)

[CLICHÉ FÉLIX]

NO VELODROMO DE PALHAVÃ

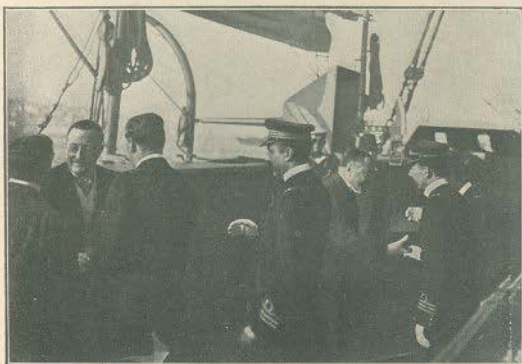
O *match* entre Jacquelin, celebre cyclista francez, e o *tandem* Conto-Lopes — No momento da partida

A VIAGEM DO DISTINCTO MESTRE D'ARMAS SR. ANTONIO MARTINS Á SUECIA

A "MATINÉE" DANÇANTE A BORDO DO "BUENOS AYRES"

Foi verdadeiramente encantadora e revestida de um cunho de alta distincção a elegante festa realisada a 27 de junho a bordo do cruzador *Buenos Ayres*, que havia dias fundeára no Tejo.

O commandante, sr. capitão de mar e guerra Gregorio Aguerriberry não quiz abandonar Lisboa sem primeiro dar a bordo do seu navio uma festa, que lhe consentisse obsequiar todos aquelles de quem a officialidade do *Buenos Ayres* recebera as mais penhorantes demonstrações de cortezia. Foi o sr. Jacinto Villegas, illustre encarregado de negocios da Republica Argentina em Lisboa, quem, a pedido do commandante, distribuiu os convites para a *matinée* a bordo. No tombadilho do *Buenos Ayres* reuniram-se quasi todas as damas do corpo diplomatico, os miniistros acreditados em Lisboa, o pessoal das legações e muitas senhoras da nossa primeira sociedade, comparecendo egualmente os srs. ministros dos estrangeiros e da marinha, conselheiros Luiz de Magalhães e Ayres d'Ornellas.

As danças prolongaram-se até ás 7 horas, sendo servido na vasta camara do commandante um *lunch* aos convidados, trocando-se por essa occasião os mais affectuosos brindes.

Chegada dos ministros dos Estrangeiros e da Marinha—As apresentações á officialidade

Um grupo de convidados a bordo do *Buenos-Ayres*

Os exercicios da artilharia no Hippodromo de Belem na manhã de 23 de junho

(CLICHÉ DO SR. BENOLIEL)

As reducções artisticas da obra de Soares dos Reis e Teixeira Lopes

No dia 10 do passado mez de junho abriu, nosalão do theatro de D. Maria II, uma exposiçãode arte interessantissima, a qual veiu fechar com chave de oiro a auspiciosa série de certamens d'este genero com que na presente epocha se enriqueceu a vida artistica da capital.

Foi uma exposição de esculpturas, em reducção, dos grandes esculptores nacionaes Soares dos Reis e Teixeira Lopes. Constando da reducção em variadas dimensões de algumas das obras-primas d'estes insignes estatuarios, umas constituindo exemplares unicos, outras repetidas apenas em doze reproducções, estas pequenas joias de arte, sem cahirem no perigo do industrialismo, veem entretanto bellamente concorrer para uma benefica vulgarisação esthetica, offerecendo-se em maior numero á contemplação de todos os espiritos, e tornadas mais accessiveis ao alcance de todas as bolsas.

Deve-se a exposição á intelligente iniciativa dos srs. Bernardino Lobo e Adelino Lemos, o segundo dos quaes é cunhado de Teixeira Lopes, e não só pelos laços do sangue, como pelas suas ardentes predilecções espirituaes, se acha ligado por fortes affinidades naturaes á alma e ao cerebro do insigne artista. Possue o sr. Adelino Lemos uma officina de fundição de bronzes, installada em Villa Nova de Gaya,—o berço privilegiado já agora, no nosso paiz, do cultivo sagrado da mais pura religião da fórma. Pois n'essa officina, installada com todos os melhoramentos modernos e onde foram já fundidas as estatuas de Soares dos Reis, do conde de Castello de Paiva e a encantadora *Flora* do jardim da Cordoaria, foi que tambem se executaram as admiraveis reproducções em miniatura que o publico tem agora festejado com enthusiasmo, na exposição do theatro de D. Maria.

E' a gloriosa evocação de todo um nobre passado de arte, que ante o nosso espirito deslumbrado se levanta, ao contemplarmos esses preciosos trechos de vida palpitante, felizes creações do genio, que uma reproducção meticulosa e impeccavel como que democratisou agora, trazendo-os, sem nada perderem da sua intensidade passional ou da sua linha, ao educativo convivio com a multidão. Vendo e admirando esses lindos *bibelots*, nós revemos sentidamente a torturada existencia de Soares dos Reis, nós comprehendemos a alada vida de sonho de Teixeira Lopes, e seguimos sensibilisados, atravez dos mais portentosos exemplares da sua obra, a trajectoria transcendente, feita de sinceridade e isenção, de abstracção e soffrimento, que na conquista definitiva da immortalidade houveram de fatalmente seguir as creações dos dois grandes artistas.

A Dôr (figura tumular no jazigo da familia Pinto da Fonseca, no cemiterio de Agramonte, no Porto). Teixeira Lopes

Mas, repetimos, em todas essas reproducções, além do seu mimo, da sua

delicadeza intrinseca, o que mais nos surprehende é a justeza, a fidelidade maravilhosa como o original é transposto. Nos exemplares, tanto em bronze, como nos stearinados, — e apesar da má luz do salão, — nota-se que não

Caridade (T. Lopes)

escapou um pormenor, não houve um desvio de proporção, não falhou uma minucia. Como se obtem este resultado? Mathematicamente, quasi, por meio de uma machina de reduzir, hoje ainda pouco conhecida, de que em Portugal ha um unico exemplar, propriedade do sr. Adelino Lemos, e mesmo em Paris se não contarão mais de tres ou quatro. Applicada á obra da arte que se pretende reproduzir, essa machina tem um systema finissimo de agulhas que percorrem escrupulosamente o modelo, emquanto, ao mesmo tempo, um pequeno cutello, em correspondencia com ellas, vae logo cortando o gesso. Assim aquella especie de contorno plastico do modelo tem uma reproducção perfeita, mathematica, completa, que vae desde as linhas essenciaes até aos mais fugidios toques, attingindo uma precisão extrema e uma delicadeza infinita.

Pelo antigo systema de reproducção por meio da pontuação e do compasso, por muito habil que fôsse o artista que procedia á transposição, como n'esta havia uma parte dependente sempre, mais ou menos, do trabalho manual, nem sempre se evitavam desegualdades e omissões, sobretudo nas relações do volume e na fidelidade do contorno. O processo seguido pelo ssr. Adelino Lemos, porque é inteiramente mechannico, está isento d'estes defeitos.

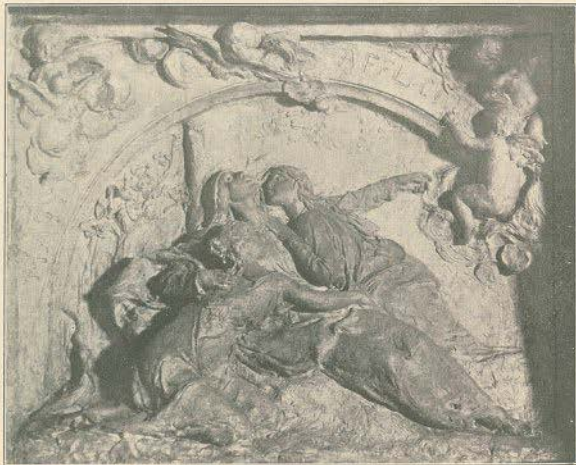
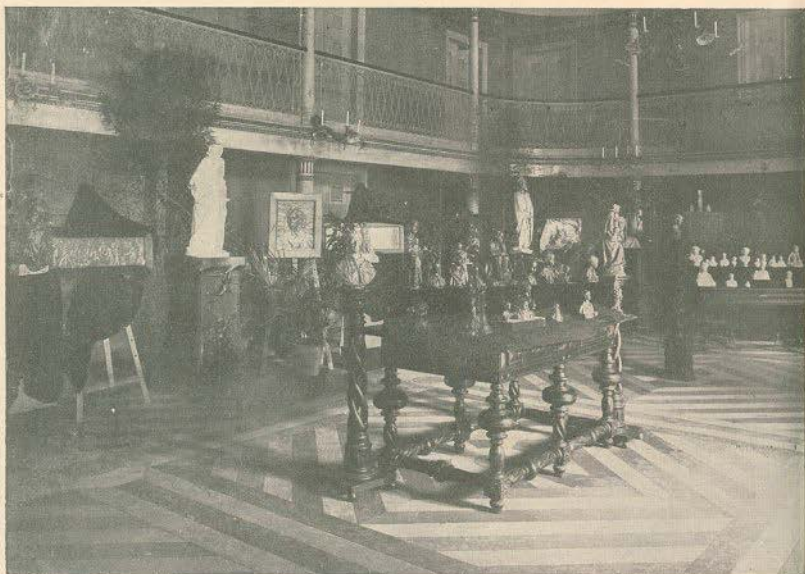
A ingleza (Soares dos Reis)

Mas não só á fidelidade escrupulosa da reproducção devem as figuras agora exxpostas em D. Maria o seu elevado cunho de arte e a convidativa excellencia do seu aspecto. O escrupulo e o cuidado do sr. Adelino Lemos vão mais longe: começam na escolha do gesso para a enformação dos modelos, um gesso especial, pouco poroso e de grão muito fino. Este gesso é ainda solidificado pela immersão n'um banho chimico. E depois de talhada a obra que se pretendeu reproduzir, dá-se-lhe ainda um banho de stearina, de

Inverno da vida (T. Lopes)

Musica sacra (T. Lopes)

uma formula especial, e que imprime finalmente ao *bibelot* aquelle tom e aquelle aspecto brunido, garantindo a sua conservação e permittindo a sua facil limpeza.

Por este processo foram obtidos os exemplares da exposição do theatro de D. Maria, pequenas maravilhas de anatomia e de expressão, onde de novo nós vimos encontrar os primores da privilegiada producção d'aquelles dois grandes estatuarios. Assim, lá temos, por exemplo, do saudoso Soares dos Reis, o assombroso *Busto da Ingleza*, a *Flôr agreste*, a *Sau-*

Mater afflictorum [baixo relevo] T. Lopes

Aspecto geral da exposição

Eça de Queiroz (Teixeira Lopes)

Bébé, cabeça de marmore (T. Lopes)

dade, um *Christo* e um busto de *Creança*. E de Teixeira Lopes, temos o *Caim*, a *Historia*, a *Caridade*, a *Dôr*, o busto da *Viuva*, o de *Eça de Queiroz*, adoraveis *bébés*, em que este artista é inimitavel, e um sem numero de adoraveis obras primas. Não podemos entretanto furtar-nos a especialisar, pelo profundo sentimento e o forte naturalismo que d'elle resuma, o baixo relevo *Decrepitude*, bem como o baixo-relevo *Mater-Afflictorum*, tão harmonioso e bello, digno de vantajosamente emparelhar com as melhores producções do periodo aureo da Renascença italiana. Tambem os dois *bébés* em marmore (n.os 29 e 30 do catalogo) são uma maravilha de observação e concepção, e um prodigio de factura.

Victoria (T. Lopes)

Bom será que, para o anno, — em epoca mais propria, — de mais concentração na vida mundana de Lisboa, — o sr. Lemos nos mimoseie com uma outra exposição n'este genero, na qual vejamos, entre outras obras notaveis, o *Desterrado*. Convem a todos, e convem mórmente ao publico, para que este se habitue finalmente a venerar e amar a arte nobre e austera da esculptura, o supremo requinte da expressão plastica, e que de tantos preparos e tão complexos trabalhos subsidiarios carece, — desde o primeiro esbôço, desde a dedada impressiva do artista na cêra ou no barro, até á execução da *fôrma perdida* e á subsequente fundição pelo bronze ou ao carinhoso arranhar do cinzel na alvura do marmore deslumbrante.

OS SALOIOS

A Tia Zéfa Caróca, que lava a nossa roupa na ribeira de Jamôr; o Grigoiro Nabiço, que nos traz o pipo de vinho branco de Collares; o Man'el Bombante, que nos vende o pão da Porcalhota, de farinha trigueira; a Maria Rebola, que nunca nos falta com os queijinhos frescos; a Elisa Madruga, que é certa com o cesto d'ovos da Idanha; o J'aquim Pataruca, que não chega para as encommendas com a sua manteiga de Cintra; o Dionizo Balata, que nos acarreta a bilha de agua de Caneças,--são todos netos dos moiros a quem o primeiro rei Affonso filhou Lisboa, tornando-a cidade christã e correndo com elles para o arrabalde. Outro fosse o rei conquistador, e a todos teria dado cabo da pelle. Elle, Affonso, não. Foi um vencedor de tolerancia magnanima. Pediram-lhe os moiros que os não mandasse matar e lhes désse «logar apartadò» em que podessem lavrar a terra e crear gados, ficando por seus servos para sempre. Fizesse-lhes El-rei esta mercê, e elles lhe mostrariam grandes thesouros escondidos... Se bem o disseram, Affonso melhor o fez: marcou-lhes bairros inteiros ao redor da colmeia christã, e ahi lhes consentiu suas leis e costumes, só querendo que ajudassem a cultivar a terra, e que cada qual pagasse um certo tributo a que se chamava «salaio». «D'ahi se entrou a chamar *salaios* a quantos moiros forros por cá ficaram e se espalharam por viellas, hortas e casaes que formavam as moirarias. Depois, com o tempo e a corruptella, *salaios* passaram a ser *saloios*, e saloios ficaram sendo todos aquelles que ainda hoje o são: netos de moiros, quer o queiram, quer não.

Tudo n'elles, de resto, nos diz bem que assim é: a tez, a feição, o todo phisico; a desconfiança e a manha; o amor da rotina e o ciume; e, sobretudo, a intransigencia no acamaradar com o alfacinha da gemma, a quem elles teem, por sua vez, como vergontea d'aquelles que lhes correram com os avós.

A obediencia fatalista aos decretos de Allah começou por temperar, no animo da moiraria, os impulsos do odio contra os primeiros «cidadãos» de Lisboa, mimoseados com o foral affonsino que os enchia de isenções, privilegios e franquias, ao passo que não ficava malha por onde escapasse sarraceno ao dizimo de toda a obra que fizesse, ao tributo de toda a terra a que podesse chamar sua, e á obrigação de vender o seu azeite e o seu figo com um terço menos de lucro que quaesquer outros. Mergulhada depois a saloiada nas aguas do baptismo christão, encheu-se de resignação christã e aguentou ainda sem amargo queixume com quantos azaquís, alfitras e alcavallas carregaram sobre ella.

Mas nem sempre o—ai dos vencidos!—tem sua justa cabida. Mudaram um dia os ventos, e novos ventos trouxeram, em vivos remoinhos, idéas novas de humanidade, de governo, da sciencia de administração. Começou-se a dizer que não havia razão para que as cidades e os habitantes das cidades não repartissem com o thesouro publico um pouco dos bens que disseminavam por exorbitancias de conforto, regalos do estomago, caprichos da sumptuaria. Mau foi o começar-se a dizel-o, porque logo appareceram legisladores que pegaram na palavra, e desde então até hoje, e sabe Deus ainda até quando, tem sido um não acabar de lançamento de impostos sobre tudo quanto vegeta da parte de dentro das portas da cidade. A casa em que moramos, o officio de que vivemos, aquillo que comemos e aquillo que bebemos; e o carro, se temos carro, e o cão se temos cão; tudo serve de pretexto bom ao fisco para nos entrar pelas algibeiras.

Começou a brincadeira por nos cobrarem um real em cobre em cada arratel de carne e em cada canada de vinho; depois, assim como quem não quer a coisa, alargaram a tarifa ao arroz descascado, ao vinagre, ao azeite de oliveira, ao unto; e, agora, já ninguem é senhor de levar uma colherada ou uma garfada á bocca, ou de tomar a sua golada seja do que for, sem que o fisco o não tenha provado primeiro.

Como se já isto não bastasse, um bello dia devassaram-nos a casa, deram fé dos commodos que tinhamos, quizeram saber quantas bestas traziamos á mangedoura, e indagaram do numero de

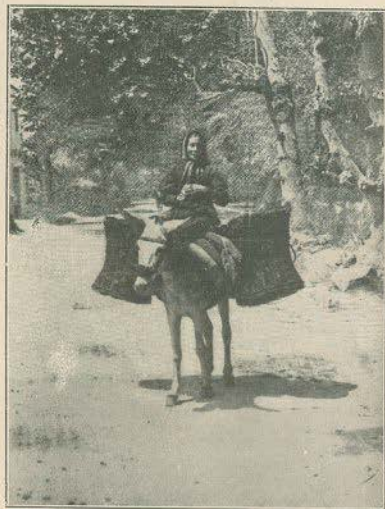
Saloia da fructa
[Typo caracterisadamente mouro]

creados que andavam ao nosso serviço. Como vinham os meliantes da parte do Real Erario, e se apresentavam com boas maneiras, não tivemos animo de os receber a bacamarte, e com isso nos perdemos. Casa, creados e bestas foi tudo para as matrizes, e ahi começámos nós ás voltas com os escrivães de fazenda, os juizes das execuções fiscaes, e os beleguins que nos intimavam mandados de penhora, ao cabo de muito relaxe e muitos juros de móra...

Entrou então o saloio a levar vantagem ao alfacinha apoquentadissimo. Ao passo que na cidade tudo ia ficando cada vez mais apertado — as ruas, as casas, a vida,— elle, sempre ao redor da cidade, sentia-se á larga, bem folgado, farto e contente, o pulmão aberto ás correntes do mesmo optimo ar atmospherico que lhe enfunava e punha a andar as vélas dos moinhos nos cabeços da serra, os olhos embebidos no regalo dos campos, ora verdes, ora louros, ora aplanando em leziria, ora quebrando em outeiro, ora pendendo em varzea, toda a terra exuberante sob uma temperatura muito egual...

A' medida que a construcção dos novos predios de moradia ia açambarcando todo o terreno limitado entre as barreiras da cidade, acabando com tudo quanto fosse resto de pomar, pedaço de horta ou quintal, já não havendo por fim um pé de alface que se fosse apanhar mesmo á hora de fazer a salada, quando a ultima pescadinha de rabo na bocca, ou a ultima posta de peixe-espada cahia na frigideira e tudo estava á meza—o saloio dobrava e redobrava a sementeira, mettia-se de grande ao plantio pomareiro, alargava as vinhas e os campos de oliveira.

Lisboa encheu-se de gente que acorria de toda a parte do reino em busca de novas profissões, de novos ramos de negocio, de novos meios de vida. A sua população tornou-se densa, triplicaram as cifras do seu consumo, e nem um só dia o saloio deixou de abarrotar o seu mercado, e de acogular as canastras dos seus muitos vendedores ambulantes com as couves tronchudas e repolhudas, lombardas e murcianas; os nabos de muita rama; os tomates volumosos e de muito succo; os mólhos de brocos, os molhos de agriões, os molhos de cenouras; as alfaces e as chicorias; os espinafres e azedas; os rabões e os rabanetes; os pepinos, as beringelas e os pimentões; a abobora; as cebolas e os alhos e a ervilha genovesa, a torta, a de quebrar; o feijão anão e d'atrepa, verde, carrapato; as fructas de toda a sorte: a pera e a maçã, a cereja e a ginja, o pecego e o alperce, a ameixa e a uva, o abrunho, o figo e a nespera, a amora e o morango, a laranja e a tangerina, a romã e o marmelo, a melancia e o melão... Com que opportunidade elles se encorporaram sempre no cortejo da abundancia que pelas madrugadas irrompe na cidade, se encaminha aos mercados e os contorna, entremeando com os carros da carne, das fressuras, d'onde o sangue gotteja como de patibulos, as enormes carroças de hortaliça, de altos taipaes, empennachadas de ramas, esparrinhando orvalho, e os jumentos ajoujados com os ceirões da fructa, e os cavallos choutões carregando as bilhas de agua e de leite!

Após os agentes atmosphericos que atacam a superficie de todos os terrenos, a agua, o acido carbonico, o oxigenio; após os movimentos do ar, o calor, a humidade, o frio, que sobre os mesmos terrenos exerceu as mais variadas influencias — veiu o saloio e corrigiu a seu modo a natureza de toda a terra ao redor de Lisboa. Onde viu preciso o desaguamento, lançou o desaguadouro, levantou o camalhão; onde achou fresquidão de mais, abriu sanjas de exgoto a ceu descoberto,e com ellas repartiu o terreno em talhões. No amanho do regadio, ninguem melhor do que elle soube ainda encaminhar e moderar uma rega. Para melhorar a fermentação dos estrumes, e promover o accrescimo das materias fertilisantes do solo, disse á mulher que não deitasse fóra as cinzas da barrela, e n'isso as aproveitou. Os unicos motores da sua

Saloia de Collares

faina agricola foram o seu braço, o seu boi e o seu burro: o boi para a lavra, o burro para a nora, o braço d'elle para o resto. O arado, a enxada, a pá e a sachola são toda a sua alfaia.

Pelo arroteamento e pelo afolhamento; pela sanja, a rega, a distribuição do estrume; pelo plantio, a sementeira, o enxerto, elle teve a habilidade de transmudar a propria paisagem do arrabalde, tristonha d'antes, casmurra, e toda ella esquiva a affectos de gente da cidade, que gosta, uma vez por outra, de espairecer pelos campos. O silencio da charneca, a melancholia dos descampados, a côr egual de todos os planos e todos os relevos, perderam o poder de enfado que tinham sobre nós. Os trigos, os milhos, os ervilhaes inundaram de verde tenro a immensidade dos campos; d'outro verde mais tenro alfombraram encostas as vides de doces castas; esbateram-se as manchas do olivedo farto na folhagem espessa dos favaes; marcaram sombras intensas as copas das laranjeiras; e ahi rompeu, ao depois, o *alegro* da ramaria dos pomares smorzando-se na melodia rasteirinha das hortas...

Por saragaços e verdiselas fenderam-se azinhagas; cresceram, por toda a parte onde apparecesse fio d'agua, os freixos, os choupos, os olmos, com suas raizes rosadas como ramos de coral a sair pela ribanceira; povoaram-se os outeiros da passarinhada que vinha debicar as sementeiras novas; por toda a parte romperam as sebes altas e tufosas; e os açudes, represando as aguas, levaram-nas ás azenhas, a girar espumantes entre aureolas de neve, animando e refrescando o ar.

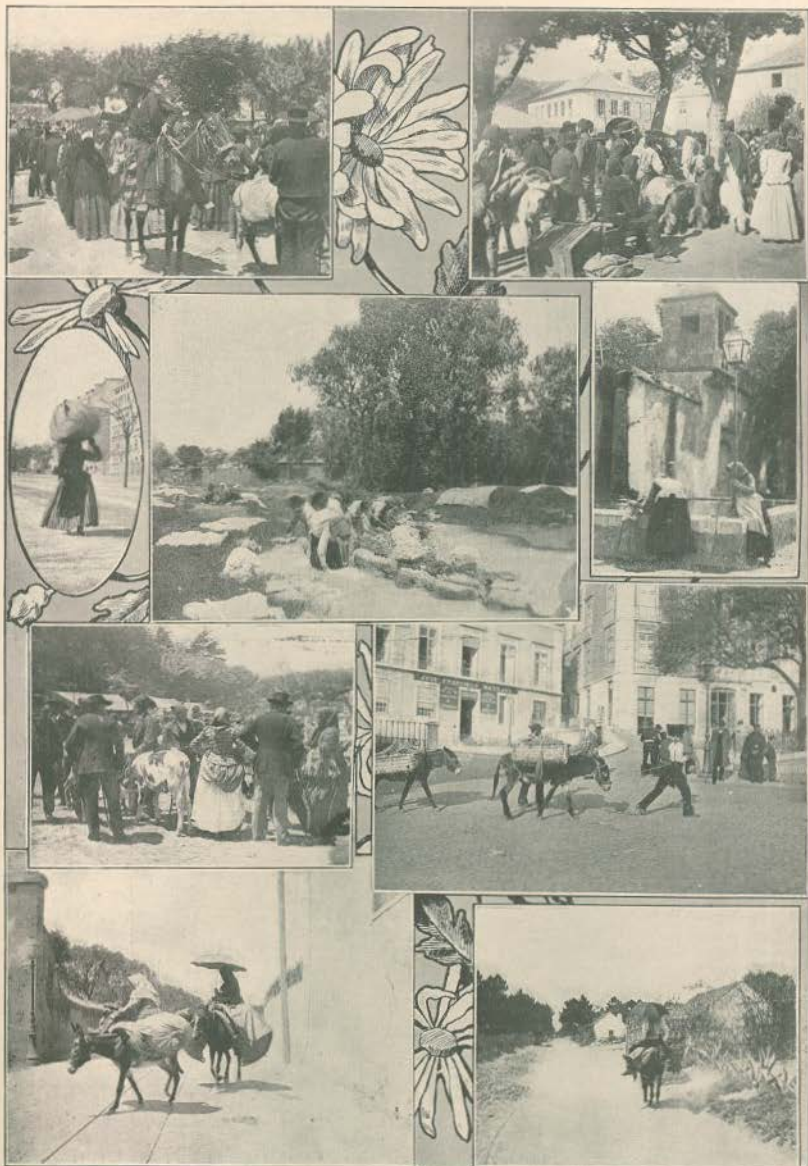
Os telheiros vermelhos e os muros muito brancos tocaram o quadro campesino da pincelada ridente dos casaes, logarejos, minusculas aldeias, entremeando as terras de grangeio sob estremecimentos de luz.

A' faina acesa das culturas e colheitas, dos lagares e moinhos, em que via andar o seu homem, ajuntou a saloia a pequena industria caseira, a cosedura do pão e dos bolos, os lacticinios, a creação de gallinhas, a lavagem da roupa, em que se tornou emerita. E não houve ainda noticia de mulher que fôsse, como a saloia foi, a verdadeira, a leal, a segura companheira do homem, nas coisas do coração como nas lidas da ganhuça. Ha um estribilho de descante muito d'elles que bate bem certo com o incessante virar e revirar que é toda a vida d'um casal de saloios. E' aquelle estribilho que diz:

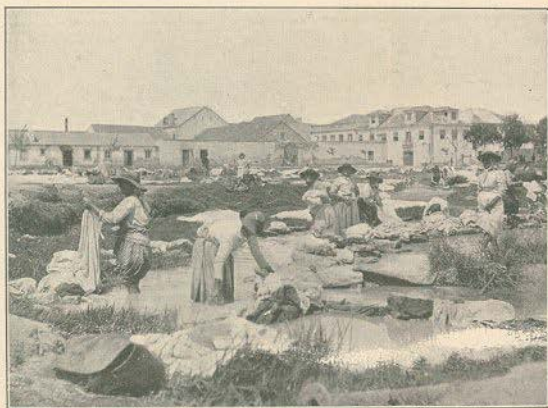
Ai agora viras tu
ai agora viro eu!
Ai agora viras tu,
viras tu
mais eu!

E assim é. Labutam, como cantam, ao desafio, e de sol a sol. Nem ellas querem bem a outros homens que não sejam lá d'elles, nem tampouco fazem elles caso de mulher que não seja a sua. Bem pode Lisboa orgulhosa alargar a area da cidade, especar bem longe do seu centro as barreiras da circumvalação, destacar para pontos a perder de vista os seus muitos guardas-fiscaes: nunca os saloios hão deixar-se metter no censo da população lisboeta. E como pela conservação da raça responde sempre a prolifica saloia, não haja receio de que venham a esmaecer um dia as vivas côres que derrama na paisagem dos nossos arrabaldes o cirandar d'essa esperta gente expurgada da moirama, mas moirama ainda pela teimosia com que se aferra á terra de que tirou proveito.

E ainda bem que assim é, e oxalá que assim seja! Porque se um dia desapparecessem para sempre, na poeira que abril e maio enovelam nos caminhos ou fundidos sob os soes de agosto inclemente ao longo das estradas, os ranchos de saloias e saloios que em todos os dias que Deus deita ao mundo se largam por ahi fóra sobre o dorso do jumento carregado com trouxas e ceirões, ou acocorados sob o toldo em arco das carroças puxadas

O Carro das Lavadeiras

1, 2 e 6—Uma feira saloia; 3 e 4—Lavadeiras; 5—Saloias de Bellas; 7—O saloio das gallinhas; 8 e 9—Saloios a caminho da cidade

Saloias queijadeiras

pelas grandes mulas e os possantes machos de pittorescos arreios, vindos da Terruge e de Montelavar, da Almargem e Alcabideche, de Caneças e Friellas, de Unhos e Camarate — para sempre quebrar-se-ia o encanto d'este pedaço de terra portugueza, cuja expressão por assim dizer elles completam, e a que continuam offerecendo, prestimosos e inoffensivos, o unico elemento de resistencia á invasão perturbadora das muitas coisas más da civilisação que, todavia, tão disparatado orgulho vão dando á capital.

Lavadeiras do arredor de Lisboa

Amaneire-se e aperalvilhe-se tudo quanto quizerem dentro da nova circumvalação; rasguem as avenidas que muito bem lhes parecer, e ladeiem-nas com o mistiforio de architecturas que mais seja do agrado de quem chame os architectos; dotem a cidade, que é primeira do reino, com quantos melhoramentos e embellezamentos pos-

sam tornar-se chamariz de curiosidade alheia. Mas, por Deus, por Nossa Senhora, por todos os santos e santas, virgens, martyres, confessores, não civilisem o saloio. Nem o saloio, nem a saloia!

Deixem-nos vel-os sempre como ainda os vemos, subindo a calçada de Carriche, sobre os seus burrinhos, ambas as pernas bamboleando para o mesmo lado, aberto a todo o panno o enorme guarda-chuva de varetas de baleia e cabo da grossura d'um cabo de vassoura, findando em ponteira de reluzente latão, o forro azul, com sua orla estampada de florinhas brancas; os pés folgados nas botas de grossa sola cosida e cano largo e curto, de couro amarello com o cardo freguezas e freguezes, espalharem-se pelas ruas e travessas de sua predileção, embasbacando deante das montras do ourives da rua Nova da Palma, na tentação irresistivel dos cordões e correntes de ouro, apalpando as fazendas penduradas á porta das lojas da rua dos Fanqueiros, considerando a grossura das solas e a flôr do cabedal das botas que só para elles se vendem ali ao Arco do Marquez de Alegrete, ou então lá em baixo, aos Remolares e S. Paulo, parados, de bocca aberta, no largo de S. Domingos, a entreter-se com o palavriado dos charlatães que tratam de vender os seus sabonetes para tirar nodoas e os seus frasquinhos de remedio contra as dôres de dentes, e que toda a gente cae em comprar menos o saloio!

Saloios comendo n'uma feira

nal para fóra. Ellas, com as saias fugidas da terra um palmo, de baetilhas alegres, os casaquinhos de chita clara, o maior e melhor lenço de ramagens caindo dos hombros em mantelete, cruzando as pontas á frente e entalando-as no cós da saia, o lenço da cabeça d'uma côr unida e barra enramalhada, desatado sempre durante as caminhadas, atado logo, em nó solto sob o queixo á entrada na cidade. Elles, com a justa calça e a jaqueta de bombazina ou serrubeco castanho amarellado, a camisa de cavalim muito branco, a cinta negra ou roxa de mil voltas, negro o barrete quasi sempre, e algumas verde, orlado de vermelho...

Deixem-nos vêl-os sempre, como ainda os vemos, desatrelar o gado das carroças á porta das estalagens e aliviar os burros da carga, pôl-os á mangedoura, e depois de terem andado por casas e lojas

Deixem-nos vel-os sempre, como ainda os vêmos, quebrando a enfadonha monotonia urbana com a nota diversa de rusticidade que se desfere da sua face morena e fortemente córada, em maçã camoeza, onde rebrilha o vivo olho de cereja preta; da paixão pela côr com que propendem para os vermelhos ardentes, os azues luminosos, os amarellos açafroados, os verdes intensissimos, na tinturaria das suas roupas; da simplicidade dos seus habitos, em que só ha amor do trabalho, amor da saude e amor da terra; da sua alegria perenne, bondosa e ingenua — essa alegria que enche de graça os arraiaes saloios, e d'elles se communica á propria luz e ao espaço, impregnada de cheiros da giesta, do alecrim, do trevo e da alfazema...

Tragam-nos o estrangeiro, mas não nos levem o saloio!

ALFREDO MESQUITA.

UM NOVO REINO

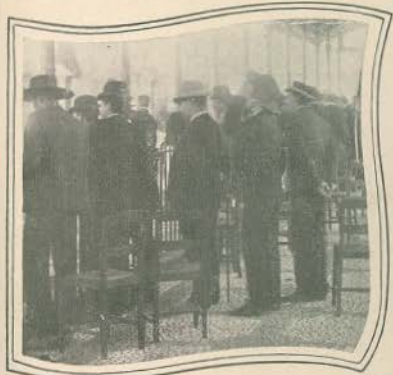
A coroação do rei Haakon VII da Noruega

1—Coche conduzindo os novos reis da Noruega para a coroação; 2—A cathedral de Trondhjem onde teve logar a coroação; 3—O embaixador de Portugal sr. Castro Feijó; 4—Grupo de creanças esperando a chegada dos Reis

A coroação do rei Haakon VII da Noruega

1—O rei Haakon VII e o principe Henrique da Prussia passando revista á guarda de honra; 2—O bispo dele Trondhjem: 3—O rei Haaton VII e o principe de Galles

A coroação do rei Haakon VII da Noruega

1—A rainha Maud, o principe herdeiro e as princezas; 2—Os reis e o principe herdeiro da Noruega; 3—Os reis e o principe herdeiro da Noruega a caminho de Trondhjem

CONCURSO NACIONAL DE TIROS

Varios aspectos da carreira de tiro de Pedrouços durante o campeonato dos dias 28, 29 e 30 :

A Festa Escolar do Lyceu da Lapa no dia de S. Pedro

1—O Orpheon composto de alumnos das primeiras classes; 2—Os professores do Lyceu; 3—A alumna D. Alice Dantas da Silva recitando uma poesia de Musset; 4—A mesma agradecendo; 5—A alumna D. Maria Machado recitando uma poesia de Julio Diniz; 6 e 7—Aspectos dos jardins durante a festa

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA Illustração Portugueza

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$5600 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$0000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.

Viagens e excursões no estrangeiro

Agora que a estação calmosa attinge o seu perigo agudo, e que começa a debandada geral dos que aproveitam o verão para viajar, não deixa de vir a proposito falarmos das agradaveis e artisticas excursões que todos os annos, por esta epoca, promove M. Vincent, um habilissimo organisador d'este genero de viagens, a preços convidativos, accessiveis a todas as bolsas, e dirigidas por quem no assumpto é não só um conhecedor apreciavel, mas tambem um companheiro dedicadissimo e illustrado.

O ultimo passeio promovido por M. Vincent, no qual tomaram parte 125 excursionistas, teve por fim visitar a grande capital da França, essa monumental Paris, coração de todo o mundo. O que foi uma tão deliciosa viagem, que o digam quantos n'ella tiveram occasião de tomar parte, e regressaram ao ponto de partida encantados do que viram, guiados pelo talento do seu director.

Tudo quanto Paris encerra de valioso, tanto sob o ponto de vista scientifico e artistico, como sob o ponto de vista mundano, foi dado observar aos excursionistas. Monumentos, museus, theatros, panoramas, exposições de arte, grandes estabelecimentos fabris, passaram como n'um kaleidoscopio gigante, diante do olhar assombrado dos que viram e admiraram tão grande numero de maravilhas, e lhes ficaram conhecendo a historia pormenorisada, mercê do seu inolvidavel *cicerone*.

Este anno M. Vincent organisa outra excursão e conta para ella elementos valiosissimos. Além de Paris, os viajantes que o acompanharem na digressão, visitarão, como aquelles que tomaram parte no anterior passeio, os arredores pittorescos, tão cheios de recordações historicas, evocativos de grandes tragedias e de não poucas aventuras galantes. Versailles, com os seus maravilhosos jardins e jogos de aguas; Fontainebleau, com a sua secular floresta e o seu rendilhado castello; Sèvres, com as suas preciosas fabricas, e outros tantos logares deliciosos, farão parte do programma do percurso, organisado com esse *savoir faire* ignorado de muitos, mas conhecido nos seus menores segredos por M. Vincent, o talentoso organisador da pittoresca excursão.

Break em que são feitas as excursões em Versailles, Fontainebleau, etc.

Londres será tambem um dos pontos que M. Vincent facilitará aos seus clientes. Embora formando com a capital franceza um profundo contraste, a rainha das cidades inglezas não é menos digna de ser admirada, porque, como nenhuma outra, possue monumentos incomparaveis.

Das commodidades offerecidas aos excursionistas dão ideia approximada as gravuras que illustram estas ligeiras notas. Por ellas se verá como, nas menores coisas, M. Vincent pensou e como conseguiu alliar o util ao agradavel.

Carruagem em que são feitas as excursões em Paris

PROGRAMMA

Partida de Lisboa no dia 18 de agosto e do Porto no dia 19 de agosto. O regresso pode ser effectuado individualmente em qualquer comboio dentro do prazo de 40 dias.

Viagem n.º 1—Excursão de Lisboa-Porto até Paris

1.ª cl. ida e volta 45$000—2.ª cl. ida e volta 35$000

N'estes preços estão só incluidos os percursos em caminho de ferro ida e volta.

Viagem n.º 2—Excursão de Lisboa-Porto até Londres

1.ª cl. ida e volta 61$000—2.ª cl. ida e volta 46$000

N'estes preços estão só incluidos os percursos em caminho de ferro e em vapores de Lisboa-Porto e Londres.

Viagem n.º 3—Lisboa-Porto a Paris 39$000

Sendo o trajecto effectuado em 1.ª classe até Hendaya e em 2.ª de Hendaya até Paris.

Viagem n.º 4—Excursão com todas as despezas pagas em Paris durante 12 dias

1.ª classe 110$000—2.ª classe 100$000

N'estes preços estão incluidas todas as despezas desde a partida de Lisboa ou do Porto até ao fim do decimo segundo dia da chegada em Paris.

Viagem n.º 5—Excursão com todas as despezas pagas em Paris durante 12 dias e em Londres 6 dias

1.ª classe 167$000—2.ª classe 153$000

N'estes preços estão incluidas todas as despezas de viagem de Lisboa-Porto até Londres com 12 dias de demora em Paris e 6 dias em Londres, incluindo hoteis, carruagens, etc., etc.

Esta viagem concorda com o momento em que em Paris os theatros principiam as epocas, e tambem para quem lá fôr para os seus negocios é o melhor momento em que as principaes casas apresentam as novidades de inverno.

A permanencia em Paris será feita n'um dos melhores hoteis situado perto da Opera e no centro de todas as attracções

HOTEL DE DIJON

29—RUE CAUMARTIN—29

N'este hotel ha elevadores, electricidade, quartos confortaveis, etc. Serviço de 1.ª ordem: 3 refeições por dia, vinho e café comprehendidos.

Em Londres os excursionistas serão alojados egualmente n'um hotel de 1.ª ordem

GRAND HOTEL DE L'EUROPE

LEICESTER SQUARE—LONDRES

Na Inglaterra o vinho não é comprehendido no preço das refeições.

OS BILHETES ACHAM-SE Á VENDA

EM LISBOA — A. Vincent, largo do Camões, 19, 1.º
NO PORTO — A. Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio, 254: Diogo J. Navarro, Successor, Praça de D. Pedro, 47.